



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro
Escritório Técnico da Costa Verde IPHAN-RJ

Parecer Técnico nº 2/2024/ETCV-RJ/IPHAN-RJ

ASSUNTO: Parecer de Reavaliação - Festa do Divino de Paraty (RJ)

REFERÊNCIA: Proc. 01450.003238/2023-56

Paraty, 23 de julho de 2024.

1. Apresentação e metodologia

O presente Parecer de Reavaliação tem como finalidade oferecer informações e considerações acerca da reavaliação da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty/RJ, em razão de o bem cultural ter completado dez anos de titulação como patrimônio cultural brasileiro, atribuído em 03 de abril de 2013, por meio de sua inscrição no Livro das Celebrações. Portanto, e em conformidade com a Resolução Nº5, de 12 de julho de 2019, passa a compor o Processo de Reavaliação, integrando os procedimentos que visam identificar as transformações pelas quais o bem passou após o seu Registro, bem como diagnosticar os processos de produção, reprodução e transmissão no contexto social, que apontem sua continuidade como referência cultural para seus detentores.

Em atenção às orientações e indagações contidas na Nota Técnica nº 13/2023/CORER/CGIR/DPI (4527802) e ao Roteiro básico para a Reavaliação do bem, anexo à Resolução Nº 5/2019, planejou-se uma metodologia que promovesse a participação e o envolvimento dos detentores em todas as etapas do processo. Assim, o técnico Marcell Machado, responsável inicialmente pela condução do Processo na Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro, estabeleceu um cronograma de reuniões com o Coletivo de Salvaguarda da Festa do Divino, que se consolidou durante o ano de 2023^[1]. Além disso, estava prevista a realização de entrevistas com alguns detentores “de referência” advindos de variados segmentos da Festa, que por algum motivo não participassem das reuniões. No dia 23 de fevereiro de 2024, a técnica Lívia Lima realizou uma entrevista com Fernando Alcântara, no Escritório Técnico de Paraty, quando passou a entregar o quadro de técnicos na unidade descentralizada do Iphan em Paraty e assumiu a condução do presente Processo na SR.

Foram realizadas pesquisas de campo durante o principal final de semana da Festa, nos anos de 2023 e 2024. O técnico Marcell Machado realizou uma viagem a Paraty entre os dias 26 e 28 de maio de 2023 para acompanhar a Festa do Divino

daquele ano, quando foi possível produzir informações e registros fotográficos. E a técnica Lívia Lima realizou a pesquisa de reconhecimento na Festa do Divino nos dias 18 e 19 de maio de 2024. O último final de semana da Festa concentra as principais programações religiosas e culturais da Festa, como: alvorada festiva; saída do bando precatório; o almoço do Divino; distribuição dos doces típicos no Império do Divino; a coroação do menino imperador com apresentação de danças tradicionais; transladação do Divino Espírito Santo da casa dos festeiros com o imperador, seus vassalos e guardas; Santa Missa de ação de graças; anúncio dos festeiros do próximo ano.

O Processo de Reavaliação da Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Paraty/RJ (doravante chamada apenas de Festa do Divino ou Festa) ocorreu de forma concomitante à elaboração do Plano de Salvaguarda do Bem (proc. SEI 01500.002378/2022-93). O que fez com que os dois processos se alimentassem mutuamente, pois na prática os assuntos relativos à elaboração do Plano de Salvaguarda se relacionavam com a Reavaliação do Bem.

2. Condições atuais de produção e reprodução do bem cultural

Considerando os aspectos culturalmente relevantes que justificaram o Registro da Festa do Divino – de acordo com o item 1.4 do Roteiro para a Reavaliação do Bem, podemos afirmar que estes continuam pertinentes na constituição desta Celebração como referência cultural para seus detentores.

No Dossiê de Registro que data do ano de 2010, esta celebração foi delimitada como um universo complexo em torno do qual orbitam práticas devocionais populares e litúrgicas; as quais produzem significados para o modo de vida e a visão de mundo dotados na sociabilidade festiva; para a definição do território em sua integração com o centro histórico e com edificações religiosas emblemáticas de Paraty; para a memória social e a identidade cultural de grupos e segmentos sociais paratienses que possuem relação direta com a sua dinâmica de produção e reprodução.

A Festa do Divino Espírito Santo de Paraty, assim como outras celebrações do Divino no Brasil tem como eixos estruturantes **o Império, a Folia do Divino e a Coroação do Imperador**. Sua singularidade está em ter incorporado a esta estrutura básica outros ritos e representações, que agregam elementos próprios relacionados à história e à formação da cidade, bem como uma singular sociabilidade festiva, o primeiro daqueles aspectos que passamos à análise. Dentre eles, o almoço comunitário no sábado, e a formação de uma comissão numerosa que se renova a cada ano e se responsabiliza juntamente com o festeiro, são práticas que corroboram a atmosfera de solidariedade orgânica que envolve a todos:

A fé no Espírito Santo e o pagamento de promessas por graças alcançadas estão na base da motivação para a realização da Festa, que extrapola os limites da esfera estritamente religiosa e conforma uma dinâmica de solidariedade, por meio de atos de doação e retribuição. Esta forma de sociabilidade comunitária evoca, nos participantes da Festa, sentidos de pertencimento a uma comunidade maior (Certidão de Registro).

A pessoa está representada na Festa do Divino por aquilo que ela deu, ou pelo serviço que prestou. Deste modo, os donativos significam a “inserção” da população na Festa, e se constituem em capital necessário tanto para a realização da Festa, quanto para construir a relação dádiva e contradádiva que se estabelece com o Divino. Cada devoto doa de alguma forma para a Festa e vai criando para si uma

“obrigação”, uma forma de permanecer ligado à Festa:

(...) eu procuro sempre ajudar os festeiros, até porque eu já fui festeiro e na ocasião eu tive muita ajuda.

Porque meu avô era dono de engenho, o engenho vinha todo ano para a cidade (...) E ele fazia doações de porcos, galinha, patos, para o almoço da festa[2].

Quando o festeiro “pega uma Festa”, ou seja, se dispõe a reunir “os amigos” e interessados em colaborar com os preparativos da Festa do Divino – o que, para alguns, é a expressão máxima de seu voto em favor de uma graça – pressupõe-se que tenha habilidade para coordenar e organizar a Festa e toda a rede de relações sociais que se formam em torno dele. Não que a habilidade se relacione tanto em termos de competência, mas especialmente de generosidade. Sendo a Festa do Divino de Paraty concebida a partir de um trabalho coletivo, do festeiro espera-se que saiba suscitar a doação dos devotos, a ajuda alheia, através do ato de pedir a empresários e donos de pousadas e supermercados e, é claro, aceitar de bom grado quaisquer doações espontâneas. É tomando parte neste sistema de doação, distribuição e retribuição que o devoto estabelece sua relação com o Divino e, assim, mantém a sustentabilidade da Festa[3].

A distribuição de carne aos pobres no sábado pela manhã e, sobretudo, o almoço ocupa, desse modo, um lugar central na Festa do Divino de Paraty ao emblematicar o ápice da eficácia da relação de dar, receber e retribuir. Inscrito no *ethos* de solidariedade orgânica, a caridade e a doação dos fiéis são aí revestidas em abundância e em fartura, tanto de comida, como de graças:

E o almoço do Divino era uma coisa muito importante, agora ainda é, mas naquela época era uma oportunidade de o povo da roça poder vir para a cidade, eles não poderiam vir se não tivesse o almoço, por que comeriam onde? Era importante para todo mundo poder participar da Festa. Eles vinham mesmo passar o dia, vir na barraca, fazer comércio, tudo isso que não é mais tão necessário.

Aí nós fechamos a rua aqui com uma mesa do tamanho da casa, com 28 metros, fizemos a comida e servimos a mesa para o povo (...) E não teve ninguém que desse conta da comida, quatro horas da tarde, as panelas estavam cheias. (...) Então o que se pode dizer: que Deus multiplicou a comida, porque nas outras festas se dizia que três horas da tarde não tinha mais um carço de feijão. E a comida não acabou nem no almoço, nem na janta, nem no domingo, ficou ainda para segunda-feira[4].

Na casa paroquial, onde hoje é preparada a comida após uma semana inteira de trabalho na cozinha, o Pároco profere a benção sobre os panelões e todos que se juntam para comer a mesma comida, no mesmo lugar, podem agora testemunhar a fartura, e deixarem-se mover pela percepção de comunidade e da retribuição da oferta: é necessário que todos doem, para que todos possam comer. Na escala dos serviços que fazem parte da estrutura da Festa, a cozinha é o serviço ou a ajuda por excelência.

Notas sobre as condições de reprodução de formas de expressão associadas - a Folia do Divino

Quando os devotos se lembram de uma Festa que foi muito boa, não o fazem medindo o patrimônio familiar do festeiro, mas sim o quanto de colaboração recebeu e do grande empenho dedicado. Muitos se lembram do tempo em que a zona rural era ainda mais apartada da cidade em Paraty, e a Folia do Divino percorria as roças e comunidades pedindo esmolas para o santo, ou a promessa de donativos,

como porcos, galinhas, farinha, por ocasião da Festa. Por volta do mês de julho, o festeiro mandava os foliões saírem e estes assumiam, portanto, a função de anunciar a data da Festa, convidar o povo para participar e, angariar fundos, promovendo, dessa forma, a caridade e a partilha como práticas que poderiam encurtar o alcance da graça e do Divino.

Seguindo de comunidade em comunidade, de casa em casa, a Folia levava consigo a Bandeira da Promessa. Como lembra o atual Mestre da Folia do Divino, Gerson Vieira, os foliões percorriam os povoados e eram recebidos à porta pelo dono da casa, que os convidavam a entrar e saudar o oratório. A visita da Folia significava, muitas vezes, a única oportunidade que as pessoas da roça tinham de ver a bandeira do Divino.

A Folia tem uma importância muito grande na Festa do Divino porque ela é a mensageira durante os dez dias que acompanha as procissões; em todas as saídas de bandeira nós estamos lá, *se a bandeira de promessa for sair, a Folia tem que estar* [\[5\]](#).

No ano da titulação como patrimônio cultural do Brasil, a Folia já não percorria mais as roças. A presença do Divino hoje é anunciada pelas bandeiras que são levadas pelos membros da Comissão a cada comunidade das zonas rural e urbana durante uma celebração na igreja local, cerca de um mês antes da Festa. A bandeira visita as casas da comunidade e, durante a novena da Festa, são trazidas novamente para a Igreja Matriz. No entanto, no momento do Registro a Folia estava presente durante os principais ritos e procissões, anunciando cada momento da Celebração: na saída das bandeiras da Casa do Festeiro para a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, durante a novena; no retorno das bandeiras da Igreja Matriz para a casa do festeiro após as celebrações; na saída do Bando Precatório pelo centro histórico e bairros próximos, recolhendo esmolas para o Divino e levando a Bandeira da Promessa para visitar as casas de pessoas doentes e asilos; na procissão com o Resplendor do Divino no domingo de Pentecostes, pelo centro histórico; na passagem da bandeira dos festeiros da Festa que se encerra para os festeiros do próximo ano.

No ano de 2024, entretanto, a Folia não participou da procissão solene do grande dia de Pentecostes, no domingo. Não se trata, contudo, como observa o item 1.1 do Roteiro para a Reavaliação do Bem, de uma modificação substancial na estrutura da Festa. Tendo em vista que se trata de uma celebração que congrega tanto ritos litúrgicos, como ritos populares de devoção, que atuam em conjunto para a perpetuação desta celebração de fé, recomendamos, não obstante, que o *Coletivo de Salvaguarda faça uma avaliação, chamando a apreciação de antigos e novos foliões, a respeito da ausência da Folia do Divino na Procissão de Pentecostes, e se isto poderia configurar uma descontinuidade no entendimento do lugar histórico que a Folia ocupa nos cortejos da Festa do Divino.*

Notas sobre as condições de reprodução de lugares associados - O Império do Divino

O segundo aspecto culturalmente relevante apontado como valor de patrimônio do bem é a identificação dos devotos com os lugares da Festa, e por conseguinte com o território, o centro histórico e com edificações religiosas emblemáticas de Paraty.

Alcançando diversos espaços da cidade, público e privado, pode-se considerar que a festa constrói uma própria territorialidade, que possui um papel importante na construção da identidade cultural da comunidade e na constituição de uma memória coletiva[6].

Na Festa do Divino da cidade, os principais lugares de referência apontados durante o Dossiê de Registro (2010) foram a Casa do Festeiro, juntamente com a Igreja e a Praça Matriz. Apesar de, no ano de 2009, período de realização da pesquisa, o casa paroquial não ter sido apontado como lugar de referência, o espaço já havia consolidado sua importância para o desenvolvimento da Festa, lugar onde se fazem os doces para a venda durante todo o ano, e onde se faz a comida para ser servida no almoço de sábado.

Hoje a parte da frente da casa paroquial tem recebido igualmente o Império do Divino, lugar onde ficam expostas as insígnias imperiais – a coroa, o cetro e a salva, e as bandeiras. Todos os festeiros que tiveram seu relato registrado no Dossiê de Registro se referem a honra em receber o trono do Divino: instalado na sala principal da casa, ladeado pelas bandeiras, junto às paredes, é feito um dossel de madeira pintada que abriga o altar: sobre a mesa, é colocada a salva, sobre esta a coroa e o cetro, este, atravessando a coroa em diagonal. Ao lado das insígnias, sobre a mesa, são colocados, um de cada lado, os candelabros de três braços. “Como o povo costuma beijar a coroa do imperador, costuma-se prender uma fita de cetim vermelho, no pé da salva, deixando-a cair por sobre as flores, até o meio da altura da mesa” (Mello, 2003: 91).

A mudança do Império do Divino da casa do festeiro para a Casa Paroquial foi atribuída ao aumento progressivo de participantes na celebração.

Nos últimos anos tem aumentado a participação de fiéis de outras localidades, vindos em caravanas, principalmente da baixada fluminense com maior concentração no domingo da festa quando são distribuídas lembranças como sal e medalhas[7].

A logística seria facilitada em razão do sobrado que abriga a Casa Paroquial no centro histórico estar bem próximo à Igreja Matriz; especialmente nos casos em que o festeiro more longe do centro histórico ou tenha uma casa pequena para comportar tal estrutura. Entretanto, lembramos que receber a bandeira e o Império do Divino em casa estaria dentro das expectativas que nutrem o festeiro e sua família pela graça do Divino, ao oferecer o sacrifício pela organização da Festa. Em geral, da casa do festeiro partiam todas as ações da Festa, em especial a distribuição de comida aos pobres, o bando precatório, a distribuição de doces pelo imperador e a saída das bandeiras para as procissões durante os dez dias da Festa.

Porque é assim, quando você é festeiro e recebe a bandeira do Divino, você traz essa bandeira para a casa, e eles dizem que aqui o Divino faz a morada. (...) eu cultuava isso, então eu fiz um altar na varanda e todo mundo que tinha problemas, que era da zona rural, que chegasse na cidade e quisesse vir aqui no altar do Divino, para poder beijar a bandeira, ajoelhar, fazer um pedido, eu deixava a casa aberta para essas pessoas, ficou como se realmente o Divino estivesse fazendo morada durante todo esse tempo[8].

Por este motivo, *recomendamos que o Coletivo de Salvaguarda faça uma avaliação sobre a mudança do lugar do Império do Divino, e que seja dada aos festeiros a possibilidade de escolher se desejam receber o Império em sua casa, como tradicionalmente era feito*. Em casos em que o festeiro não more próximo ao centro histórico, uma alternativa possível é que as pessoas mais jovens da Comissão da Festa iniciem o cortejo da casa dos festeiros, e depois encontrem as pessoas mais idosas em outro lugar de referência, para completar o cortejo até a Igreja Matriz[9].

A Festa do Divino se configura como uma festa comunitária, realizada de maneira colaborativa. (...) Seu sentido comunitário está ligado tanto na forma como é realizada, como na sua configuração espacial, ocupando a igreja e seus

arredores (a praça, o estacionamento e a quadra), o Areal do Pontal, às ruas e as casas dos devotos[10].

A bandeira da Promessa, o som da caixa da Folia, o mastro do Divino, a coroa, a salva e o cetro do imperador, a pomba e o Império são imagens índices da presença do Divino Espírito Santo em Paraty. A transformação da casa de um fiel comum no Império do Divino participa da solidariedade e sociabilidade ensejadas pela vivência na Festa. A relação com os outros espaços da Festa como a Igreja e a Praça localizadas no centro histórico, se dá pela decoração do espaço público que, ao longo desses anos, se especializou na figura do Profº de educação artística Edson José, o Edinho, que coordena entre outros processos, o trabalho das floristas na decoração de todas as festas religiosas que acontecem nas igrejas do centro histórico. A decoração da Festa do Divino, de modo muito interessante para a criação e a reprodução de imagens de devoção – como a estilização das pombas do Divino, continua apresentando novidades a cada ano. No ano de 2024, o cartaz da Festa foi encomendado ao artista Marcos Cardoso, e as pombas do Divino, na forma de esculturas preenchidas com tecidos, que enfeitavam os caminhos da Igreja Matriz a Casa Paroquial faziam referência estilística ao trabalho do artista.

Como mostra o Dossiê de Registro, todos os caminhos percorridos pelas procissões do Divino são enfeitados para a Festa, incluindo-se o trajeto que sai da Igreja Matriz até o Império do Divino, e o trajeto que parte da Igreja Matriz e percorre todas as igrejas do centro histórico levando o resplendor do Divino. Quando o Império tem a oportunidade de ocupar a casa de um devoto, esse cortejo que parte da Igreja Matriz no centro histórico é direcionado pelos enfeites que seguem pelas ruas da cidade até à Casa do Festeiro. Esta integração do centro histórico a outros bairros urbanos do entorno parece ter um sentido maior atualmente, em que se assiste a uma gentrificação do centro histórico tombado, o que produz uma nova lógica de apropriação do espaço, que passa a atender as necessidades de uma política voltadas para o turismo, a modernização e a especulação imobiliária.

Segundo Nascimento (2015: 97), o bairro histórico – praça, ruas e igrejas – durante as festas ganha outro tipo de apropriação. Na vida cotidiana, é o espaço de menor circulação pelos moradores da cidade[11]. Sob seu ponto de vista, as festas tradicionais configuram celebrações de resistência nesse espaço gentrificado, gerado, entre outros fatores, pela patrimonialização do centro histórico. Apesar de, da mesma maneira, estarem afeitas aos desdobramentos da espetacularização do espaço, festas como a do Divino subsistem com a capacidade de estabelecerem o diálogo e o jogo entre forças desiguais que atuam sobre a disputa pela apropriação do território.

Por isso nos parece evidente que a Festa continue reforçando a relação do centro histórico com outros espaços urbanos e rurais que venham a ser tornar casas do festeiro.

Incorporação de novos elementos - a rabeca

Dentre os grupos e segmentos sociais paratienses que possuem relação direta com a dinâmica de produção e reprodução da Festa do Divino, e para os quais a Celebração contribui para o fortalecimento da identidade cultural e da memória social estão os cirandeiros e os foliões do Divino.

De um modo geral, o cirandeiro e o folião do Divino em Paraty são a mesma pessoa. Grandes mestres da ciranda caiçara, como seu 'Ditinho canoero', ou 'Ditinho cirandeiro', foram exímios mestres da Folia do Divino. A viola, a rabeca, a

caixa e o pandeiro – sendo a presença deste último uma singularidade da Folia do Divino em Paraty, em relação às outras folias que compõem o território caiçara[12] - são instrumentos comuns as duas formas de expressão. Dentre os cirandeiros que se reúnem para animar os bailes da roça e as quermesses da cidade, alguns tornam a se reunir novamente para animar a Folia de Reis em janeiro, a Folia do Divino em maio, e a Folia de São Benedito no mês de novembro.

Em comparação ao momento de Registro do bem, um elemento foi reincorporado à Folia do Divino: o instrumento musical chamado rabeça, o que consideramos como bastante positivo para a renovação e a transmissão dos saberes associados à Festa.

É possível identificar alguns fatores que possam ter contribuído para esses processos – de acordo com os itens 1.2 e 1.3 do Roteiro para Reavaliação, bem como os sujeitos direta e indiretamente envolvidos na reinserção da rabeça: os mestres cirandeiros e os jovens foliões e cirandeiros Marcello Alcântara e Fernando Alcântara, com quem realizamos uma entrevista.

Em 2014, um ano após o Registro da Festa do Divino como patrimônio, Fernando Alcântara, então com 16 anos, começou a participar da Folia e da ciranda, tocando o adufo. Cresceu no centro histórico, em frente à casa paroquial. O avô paterno, Décio Ramiro de Alcântara, festeiro do Divino em 1968, foi dono do armazém Santa Rita no centro histórico:

A Praça era o quintal da minha casa. A Banda Santa Cecília ensaiava na casa paroquial, ali em frente de casa; a Folia guardava os instrumentos lá durante o ano; então fui crescendo envolvido. Quando eu vi já estava participando das danças da ciranda, vendo os cirandeiros. Era eu que entrava dentro dos bonecos da Miota, do boi, do cavalinho[13].

Participando primeiramente das danças e acompanhando os grupos tradicionais de ciranda na cidade, foi interpelado pelos mestres a subir no palco e começar a tocar. Segundo Fernando, os mestres começaram a chamar a responsabilidade pela continuidade dessa tradição para os mais jovens, em especial ele e Marcello Alcântara.

Nós aprendemos com esses mestres mais antigos, seu Ditinho, apesar de não ter tocado com ele, eu via porque sempre acompanhei as procissões, sempre olhei com admiração aqueles mestres tocando ali[14].

Conta que um grupo de jovens a cada final de semana iam à casa de um mestre, e tiveram contato com saberes variados segundo o sotaque de cada mestre. “Assim o Mestre Maneco tinha as características da Ilha do Araujo, que é de onde ele veio, e nós acabamos filtrando todos eles”. Cita como referências principais Seu ‘Ditinho da viola’, que era o mestre da Folia à época do Registro; Seu Dito da Tapera que tocava pandeiro no momento do Registro, Seu Verino, Seu Amélio e Gerson, atual mestre da Folia.

Na pandemia perdemos seis mestres que faleceram nesse período e com quem aprendemos. Perdemos mestres jovens da ciranda, Seu Julinho, João Paciência, Seu Ditinho canoeiro que era folião também. Antes disso já tinham falecido Seu Amélio, Bento Cananea e Dito da Laranja, mestres com quem tínhamos contato e acabamos ficando como representantes deles, desse conhecimento que eles tinham e que tivemos a oportunidade de aprender[15].

Tendo acolhido os ensinamentos que os mestres estavam dispostos a transmitir, Fernando comprou um adúlfo e Marcelo recuperou a antiga viola do avô, que foi mestre da Folia. Logo um grupo de jovens estava começando a tocar em pequenos eventos familiares, quando foram convidados a representar a cidade de Paraty no Encontro do fandango em Ubatuba, e começaram a se ver de fato constituídos como um grupo[16]. Posteriormente, durante uma festa do fandango caçara em Cananeia, na cidade de Ariri/SP, conheceram o mestre Zé Pereira, e viram que muitos jovens tocavam a rabeca e outros instrumentos. “Foi aí que começamos a dar mais importância, mais valor”.

De volta a Paraty, encomendou uma rabeca a Ostinho e Mário Gato, dois mestres da comunidade caçara de Ubatumirim, na cidade de Ubatuba. Inicialmente, segundo Fernando, a intenção não era inseri-la na Folia, tampouco deixá-la pendurada na parede[17], como muitos fazem ao comprar o instrumento; mas aprender a tocar. Porém, não sabiam nem afinar o instrumento. “Como Marcello já era músico, foi uma peça muito importante nisso; a gente pegou a afinação primeiro do pessoal de Ubatuba”. Ao observarem que era afinado de acordo com a ‘macheta’, nome que dão ao cavaquinho na cidade do litoral norte paulista, passaram a incorporar os solos que Mestre Julinho fazia na Ciranda. “O solo da rabeca nada mais é do que um apanhado geral dos solos de cavaquinho desses mestres da ciranda”.

A partir do momento que eu peguei essa rabeca, passei a encontrar com os mestres todos os dias (...) os mais antigos perguntavam: cadê a ‘rebeca’? (...) No ano que eu a coloquei na Folia, os mais velhos falaram: ‘olha o Zé Leonardo aí!’, que era o senhor que tocava a rabeca, aí eles começaram a lembrar, cantarolar...

Fernando estreou com a rabeca na Folia do Divino em 2015. E hoje ele e Marcello revezam cantando entre uma toada de Gerson e Seu Zé Malvão – mestre e violeiro que revezam-se fazendo a segunda voz um para o outro – e um dobrado da Banda Santa Cecília.

A trajetória de Fernando Alcântara mostra o interessante desdobramento que a circulação de saberes em torno de um bem registrado, o Fandango Caçara, promoveu para os discípulos de grandes mestres da ciranda caçara em Paraty. A nova formação da Folia, em que permanecem somente Gerson Vieira e Zé Malvão em relação à composição descrita à época do Registro, demonstra que é necessário documentação adicional que subsidie a identificação dos mestres que faleceram recentemente e sua contribuição para a Folia, bem como dos mestres ainda vivos, como Seu Loureço, o mestre cirandeiro mais velho, hoje com 97 anos. A reincorporação da rabeca à Folia do Divino configura-se numa significativa iniciativa de jovens que, inicialmente provocados pelos mestres que acompanhavam, passam a mobilizá-los também numa rica e estimulante troca entre gerações, que anseia por continuidade.

Esta percepção foi dividida na 1ª Reunião do Coletivo de Salvaguarda por Monique Lacerda, uma das festeiras de 2023, ao afirmar que de fato existe a preocupação em atrair pessoas mais jovens para atuar na Folia, pois ela é tradicionalmente composta por pessoas mais velhas.

Incorporação de novos elementos - o leilão de prendas

Tradicionalmente o leilão de prendas era realizado na noite do domingo da

Festa, após a missa; um momento de muita animação entre os participantes, que acabavam de coroar o encerramento da Festa e iam para a Praça disputar as prendas doadas pelo próprio povo, os animais e alimentos trazidos pela zona rural.

No ano de 2024, pudemos observar a volta do leilão de prendas, que aconteceu na Praça da Matriz, em frente à quadra, após o almoço de sábado. O animador do leilão era um dos integrantes da Comissão da Festa e procurava conduzir e estimular as ofertas dos presentes de forma cômica, especialmente quando os prêmios eram patos, porcos e galinhas expostos no meio da Praça, que dividiam o espaço com ventiladores, *air fryer*, bicicleta infantil e quadros pintados por artistas locais. Além de ser uma maneira de arrecadar recursos, o leilão propicia uma atmosfera íntima e familiar entre participantes que acabaram de compartilhar o almoço e observam as crianças brincarem com os bonecos na praça, enquanto tentam levar um porco ou um ventilador para casa.

Possíveis desafios à continuidade do bem cultural

As transformações nestas festas não devem ser vistas com desprezo, mas requer um cuidado para que o diferencial que as constitui – experiência sensível comunitária – não seja transformada em simulacro ou produto da própria espetacularização[18].

Aqui Paula Fabricante Nascimento, atual gestora na Secretaria Municipal de Cultura, se refere aos riscos de espetacularização da tradição a que estão sujeitas as festas tradicionais, como a do Divino. Aponta a decisão de alguns devotos de não ir mais à missa do domingo de manhã de Pentecostes, quando eram distribuídas lembranças da Festa aos devotos. Isto se deve ao tumulto e empurra-empurra que alguns faziam para ter acesso às lembranças, o que acabava inserindo a distribuição de objetos abençoados, que deveria significar a retribuição da benção do Divino, num campo “espetacular”, momento em que a mercadoria ocupa a vida social por inteiro.

Com relação à programação cultural da Festa, *recomendamos que seja discutida conjuntamente entre a Prefeitura de Paraty e o Coletivo de Salvaguarda, para que os shows contratados valorizem os artistas e a cultura local, como vimos com a apresentação da ciranda e a companhia folclórica de Tarituba no sábado da Festa, no ano de 2024.*

No ano de 2024, reuniram-se quatro casais para fazer a Festa do Divino como festeiros, os quais participaram das reuniões sobre a reavaliação do bem como patrimônio. Um ponto levantado constantemente pelo coletivo de detentores é justamente o crescimento da Festa do Divino nos últimos anos. Nesse sentido, a 2ª reunião tratou sobre eventuais impactos desse crescimento, bem como sobre a atuação do poder público em relação à celebração.

Os festeiros do ano corrente relataram que atualmente tem havido uma dificuldade maior de conseguir voluntários para assumir a responsabilidade pela Festa, por conta do aumento da sua complexidade e da quantidade cada vez maior de recursos financeiros necessários[19]. Um exemplo do “agigantamento” da celebração é o almoço do Divino, que à época do Dossiê servia cerca de 4 mil refeições; enquanto a quantidade hoje servida é da ordem de 6 mil pratos de comida.

Entretanto, não foram relatadas inovações quanto às estratégias de motivar doações, e a principal fonte de arrecadação continua sendo a venda de doces e o Bingão do Divino. Além disso, há a expectativa de que o Iphan possa fazer um repasse anual para a Festa, considerando que outorgou o reconhecimento.

3. Fortalecimento sociocultural do bem reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil

Ampliação da base social produtora do bem cultural

Como vimos, devido ao tamanho e complexidade dos atos da Festa, os festeiros atualmente contam com uma comissão de mais de cinquenta participantes. Por outro lado, o aumento progressivo de participantes na Festa acarretou mudanças na ocupação e ordenamento de lugares como a Praça da Matriz, a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios e a própria casa dos festeiros. Tanto a Paróquia, como a Prefeitura fizeram intervenções pontuais no reordenamento do Centro Histórico, por conta desse aumento. A Paróquia passou a transmitir as missas na área externa da Igreja Matriz por meio de um telão, devido à impossibilidade de comportar a quantidade de devotos. A Secretaria de Cultura de Paraty, por sua vez, relatou que os bares e restaurantes costumavam tomar as ruas do Centro Histórico durante os dias da celebração com mesas e cadeiras, o que atrapalhava o andamento das procissões; em virtude disso, passou a notificar os estabelecimentos para liberar as ruas durante os dias da Festa.

Mobilização em torno do reconhecimento e valorização do bem registrado

De maneira geral, os detentores do bem se apropriam e se mobilizam de maneira pouco eficiente acerca do poder de influência como detentor de um bem registrado como patrimônio brasileiro; e o Coletivo de Salvaguarda ainda não se organiza através de reuniões regulares. Como exemplo, citamos a afirmação de um dos coordenadores da Paróquia para quem o aumento no número de participantes na celebração não se relaciona diretamente com o Registro como patrimônio do Brasil, pois a Festa já vinha atraindo mais pessoas desde antes do reconhecimento. Em relação ao processo de elaboração do Plano de Salvaguarda, foi perguntado aos detentores se tem ocorrido uma participação ampla e representativa dos vários segmentos de detentores. Edinho comentou que ainda é necessário ampliar o coletivo, lembrando que nenhuma das cozinheiras que preparam o almoço participam das reuniões.

Segundo a Secretaria de Cultura de Paraty, a divulgação institucional feita pela Prefeitura menciona que a Festa do Divino é Patrimônio Cultural do Brasil; entretanto, não constatamos essa menção no cartaz e na programação religiosa anual da celebração. *Recomendamos que o Coletivo de Salvaguarda proponha ações de difusão e divulgação da Festa, inclusive como forma de angariar patrocínios.*

Envolvimento dos detentores, grupos e segmentos com instâncias públicas

A Festa do Divino é financiada pelos devotos, pela Paróquia e pela Prefeitura de Paraty. O bem está diretamente sob a gerência da Secretaria de Turismo, que contrata os shows para a Festa; e a Secretaria de Cultura se ocupa principalmente com a programação cultural e com a contratação da Folia do Divino e da Banda Santa Cecília, além do aluguel da estrutura, como arquibancadas e palco, para a atividade da Mega Gincana do Divino [20].

As danças que são apresentadas tradicionalmente ao imperador e sua

corte no sábado: a dança das fitas, a dança dos velhos e a dança da jardineira experimentavam uma frequência irregular na Festa desde o ano do Registro. Há três anos, a Secretaria de Cultura negociou com a Companhia Dança e Arte que assumisse as apresentações das danças tradicionais e as incorporasse na grade de ensino, como uma contrapartida pela subvenção anual que recebem da Prefeitura. Assim, convidaram pessoas mais velhas da cidade que conheciam as danças e um professor especializado em danças populares. Iniciou-se um trabalho de pesquisa e de ensino ao longo de todo o ano, não apenas durante o período da Celebração. Nas duas últimas edições da Festa, a dança dos velhos e a dança das fitas foram apresentadas pelas alunas da Cia de Dança e Arte e, no ano de 2024, conseguiram inserir a dança da jardineira. Portanto, a Secretaria de Cultura de Paraty, por meio da Cia de Dança e Arte vem realizando um trabalho de fortalecimento e salvaguarda dessas formas de expressão.

Além das danças, a apresentação dos bonecos folclóricos também tem sido subsidiada pela Secretaria de Cultura de Paraty, que contratou a confecção de dois jogos de bonecos folclóricos que são de sua posse, e fez o pagamento de um grupo para conduzirem as brincadeiras, tanto no almoço quanto no sábado à noite, durante a apresentação das danças tradicionais, na edição da Festa em 2024. Um dos jogos de bonecos ficam disponíveis para as escolas públicas utilizarem em ações educativas sobre a Festa do Divino.

No ano de 2023, todavia, os bonecos foram expostos na Praça com informações de identificação, mas não saíram com os brincantes. Apesar das dificuldades, como a de fazer pagamentos aos artesãos que não possuem CNPJ, há um evidente esforço da Secretaria de Cultura de Paraty em incentivar a confecção dos bonecos nos últimos anos. O comprometimento da Prefeitura de Paraty com a salvaguarda da Festa do Divino está contemplado como ação institucional no Plano Municipal de Cultura, Lei nº 2218/2019, o que demonstra ser um parceiro privilegiado na gestão compartilhada desse patrimônio cultural.

Ainda que o diálogo tenha por costume ocorrer sem maiores problemas, os participantes das reuniões do Coletivo sobre a Reavaliação do Bem apontaram que era o Padre Roberto Carlos, então pároco responsável pela Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, quem ocupava um papel central no diálogo com a Prefeitura. *Recomendamos que o Coletivo de salvaguarda possa assumir seu lugar de diálogo e interlocução no planejamento da Festa com o poder público municipal.*

Outra frente de atuação necessária do Coletivo apontada na 2ª reunião sobre a Reavaliação do Bem é a aproximação com o poder público estadual na salvaguarda da Festa. Pois os detentores do bem desconhecem qualquer atuação ou interesse do governo estadual na valorização das Festas religiosas do Estado, seja pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), pela Secretaria Estadual de Cultura e Economia Criativa (SECEC) ou por outras Secretarias.

Em relação à ocorrência de eventuais tensões entre o Pároco e os festeiros, situação delicada que já ocorreu em outras festas católicas registradas pelo IPHAN, o coletivo foi unânime em afirmar que tal situação não existe na Festa do Divino de Paraty, até pelo fato de que é a própria Paróquia Nossa Senhora dos Remédios quem organiza a celebração, em parceria com a Prefeitura.

3.Recomendações de Salvaguarda e a construção do Plano

Análise e aperfeiçoamento das recomendações de salvaguarda contidas no Dossiê

Tendo em vista as recomendações de salvaguarda para a Festa do Divino de Paraty elencadas no Dossiê de Registro, a saber, a “valorização da Festa do Divino no calendário cultural da cidade” e a “sensibilização do poder local para a importância da Festa do Divino como um bem cultural”, consideramos que a Prefeitura Municipal de Paraty tem proposto ações de salvaguarda especialmente no que tange à inserção da Festa do Divino no calendário cultural da cidade e na subvenção da programação cultural da Festa. Desse modo, ações como o financiamento da apresentação dos bens culturais associados à Festa: as danças tradicionais, a Folia do Divino, a Banda Santa Cecília, os bonecos folclóricos; além da estrutura de palcos e arquibancada para a Gincana do Divino e o show de calouros; e o aluguel de barracas para os comerciantes de roupas, brinquedos e calçados que tradicionalmente se instalam no Areal do Pontal contribuem enormemente para a continuidade da Festa do Divino. A proposição de atuação junto às escolas da mesma forma demonstra a preocupação com a divulgação e apropriação pelos jovens deste patrimônio que é parte de sua identidade e de sua memória.

Contudo, o cartaz e a programação religiosa da Festa não mencionam os nomes dos foliões do Divino ou a participação da Banda Santa Cecília. Este destaque perfaz uma ação primária de difusão do Registro da Festa como patrimônio; *recomendamos ao Coletivo que dialogue com a Comissão da Festa sobre esse aspecto, e sobre a necessidade de maior integração entre artesãos, brincantes, mestres de ofício e foliões com a Comissão da Festa, isto é, que a Comissão da Festa seja ampliada e composta igualmente por representantes desses diferentes grupos.*

Compete ao Iphan atuar em parceria com o Coletivo de Salvaguarda, recentemente formado, e com a Prefeitura de Paraty para continuar subsidiando ações de salvaguarda, especialmente no que tange à transmissão dos saberes e das formas de expressão associadas à Festa do Divino, de seus mestres e executantes. Continua, sem dúvida alguma, sendo necessário investir em projetos comunitários de identificação e transmissão de saberes dos mestres e de formação de novos foliões e mestres da Folia; de organização dos detentores de saberes e habilidades específicos relacionados aos bonecos folclóricos e às pombas do Divino feitas de madeira[21]. Outros ofícios e saberes que concorrem para a realização da Festa devem ser identificados, como o das floristas e de artesãos que já produziram esculturas e estandartes para a Festa, para que sejam envolvidos em oficinas de transmissão de saberes.

Por fim, a última recomendação de salvaguarda indicada pelo Dossiê: “Promoção e divulgação do bem cultural”, por meio da elaboração de um plano de educação patrimonial que envolva alunos, professores e agentes de cultura continua sendo pertinente.

A criação de um Centro de Referência da Festa do Divino reuniria em alguma medida o objetivo de promoção e divulgação do bem, de acordo com a idealização de um espaço que reuniria documentos e registros de memória sobre a Festa, além de objetos pessoais que seriam doados ao acervo, com a perspectiva de promover exposições, ações educativas com o público escolar, além de fomentar encontros de formação como oficinas e outras práticas de convivência para troca de saberes.

Nas reuniões do Coletivo sobre a reavaliação do bem, foi possível perceber que existe uma forte adesão à iniciativa do Centro de Referência; a Paróquia teria doado um espaço anexo à Igreja de Nossa Senhora dos Remédios para esse fim. No ano de 2014, a Prefeitura de Paraty foi contemplada por um edital do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI) para a criação do Centro, mas devido a problemas administrativos, o recurso financeiro precisou ser devolvido ao

IPHAN. Em 2020, houve nova tentativa para compra e posterior cessão de equipamentos para implementação do Centro por parte da Superintendência do IPHAN-RJ, mas não foi possível dar continuidade ao processo igualmente em razão de problemas administrativos.

Sobre o Plano de Salvaguarda e/ou a execução de ações de salvaguarda

Além das iniciativas apontadas pela Nota Técnica nº 13/2023/CORER/CGIR/DPI (4527802), destacamos uma relevante iniciativa de salvaguarda realizada pela Superintendência do IPHAN-RJ (SEI 01500.000816/2022-89): um conjunto de quatro oficinas de transmissão de saberes da Folia do Divino, para ensino de toques e cantos, ministradas por quatro mestres oficineiros: Dito, Zé Malvão, Gerson e Biduca e três auxiliares de oficineiros. Com vistas a fortalecer a transmissão de saberes em torno da Folia do Divino para os mais jovens, a ação contemplou o eixo *Difusão e Valorização* da minuta do Plano de Salvaguarda.

Realizada durante o mês de maio de 2023, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Paraty e a Casa de Cultura de Paraty, contou com 15 alunos. A última aula da oficina foi desenvolvida durante a Festa do Divino, quando os alunos saíram com o Bando Precatório junto à Folia. Fernando Alcântara elaborou uma matriz curricular e a cada aula se abordou um instrumento e seu papel na Folia, bem como os versos que o acompanham. Essa atividade foi bastante exitosa e gerou uma fila de espera de participantes. Gerson Vieira e Fernando Alcantara solicitaram a SE/RJ a realização de uma nova edição da oficina. (citar Processo SEI)

Outra importante ação de salvaguarda conduzida pela Pastoral de Comunicação da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (Pascom), foi a produção de dez vídeos de depoimentos de participantes de variados segmentos, como o Marrapaíá, a Folia e as cozinheiras do almoço do Divino, como uma homenagem aos 10 anos da titulação da Festa do Divino como patrimônio cultural do Brasil.

Com a constituição da Casa do Patrimônio no Escritório Técnico de Paraty e a elaboração de um calendário de eventos formativos, temos por intenção incluir a promoção de rodas de conversa com os mestres e executantes de diversos ofícios da Festa do Divino, como meio de valorizar os saberes e conhecimentos acumulados ao longo de gerações. Há um componente familiar na transmissão de saberes sobre a Festa que se dá principalmente através da oralidade, que deve ser preservado.

A previsão é de que, no segundo semestre de 2024, a minuta do Plano de Salvaguarda seja validada em reunião com o Coletivo, e o Escritório Técnico do Iphan em Paraty organize em parceria com o Coletivo, a convocação de potenciais instituições parceiras para que conheçam o Plano de Salvaguarda e se comprometam a contribuir com as ações, consolidando-se assim a versão final do documento.

A seguir, daremos destaque a algumas ações que podem ser incluídas ou complementadas no Plano de Salvaguarda, a partir das reuniões sobre a Reavaliação e da entrevista realizada nesse processo:

Eixo Difusão e Valorização:

*Segundo Fernando Alcântara, os mestres falavam que a Folia realizava a romaria no passado, quando as bandeiras visitavam as casas na zona rural meses antes da Festa. Recentemente, enquanto os mestres estavam na Folia na cidade, alguns jovens, Eduardo, Marcello e Fernando tomaram a iniciativa de pegar uma bandeira e ir visitar as comunidades rurais de Tarituba, Ponta Grossa, São Gonçalo e uma

comunidade costeira.

As pessoas diziam: ‘há quantos anos eu estou esperando essa bandeira aqui na minha casa!’. Só não arrecadamos prendas como galinhas, porcos como se fazia antigamente (...) isso gerou uma emoção tão grande, que se formou uma procissão espontânea: as pessoas pararam seu serviço igual antigamente para acompanhar a bandeira; a gente entrava em todas as casas e em cada uma encontrava uma mesa de café, almoço; a própria comunidade veio buscar a gente aqui. Foi uma coisa muito linda[22].

Em outras regiões, os foliões se dedicam o mês inteiro para a romaria, do Domingo de Páscoa, quando o mastro é erguido, até a sexta-feira da Festa. Fernando propõe que durante esse período a Folia saia para as comunidades rurais e costeiras ao menos aos finais de semana, como uma possibilidade de visitar essa prática de fé de antigos foliões que interliga o centro histórico a outras regiões de Paraty.

Eixo Produção e Reprodução Cultural

*Com o reconhecimento patrimonial da Festa do Divino e do Fandango Caiçara, os foliões puderam estabelecer contato com outras folias ativas no litoral de São Paulo e do Paraná e, por isso, entendem que a promoção de um encontro de Folias do Divino seria uma ocasião bastante profícua para a troca de saberes e o fortalecimento do bem cultural.

* Como forma de valorizar a performance dos bonecos folclóricos na Festa, Fernando e Marcello Alcântara tem realizado oficinas com a finalidade de recriar os versos em torno da “repartição do boi”, que havia antigamente na Festa, segundo relatos e um antigo registro audiovisual. Esse projeto de oficinas no SESC – organização que tem se apresentado como importante parceiro na salvaguarda, está sendo realizado de abril a novembro de 2024, e tem ainda o objetivo de confeccionar novos bonecos com os mestres Jubileu e Biba. “Porque os bonecos saem caminhando pelas ruas na Festa, mas sem a cantoria”. Sem dúvida, como argumenta Fernando, inserir os versos novamente na performance do boi irá trazer mais vida e espaço para os bonecos folclóricos na Festa.

Uma possibilidade é que a Folia participe desse momento, trazendo com os versos as imagens da distribuição da carne que aconteceu no sábado de manhã. Enquanto o almoço é servido, as crianças correm atrás dos bonecos e do boi; é como se brincassem com o boi que irá ser abatido e, depois, distribuído na Festa, dando a oportunidade que todos vivenciem a solidariedade que sustenta e conduz os ritos festivos.

Eixo Mobilização Social e Alcance da Política

*Assim como houve a iniciativa de Diuner Mello de sistematizar as informações sobre os modos de fazer associados à Festa com o “Manual do Festeiro” – que contém as impressões do autor quando foi festeiro, cujo conteúdo foi bastante utilizado na elaboração do Dossiê de Registro, recomendamos que, a cada Comissão formada para a Festa, os festeiros também possam registrar suas memórias e percepções em torno de se responsabilizar por uma Festa. Em reunião ocorrida no dia 14 de março de 2023, sobre a elaboração do Plano de Salvaguarda, Edson José comentou que existe um manual do Festeiro que traz instruções sobre a parte litúrgica e cultural da Festa, e explicou que esse manual é atualizado constantemente e distribuído anualmente entre os festeiros e a Comissão da Festa.

*Esta iniciativa se coaduna e associa com a proposta, descrita no Plano, de promover Oficinas/Encontros com os técnicos do Iphan-RJ, os Festeiros e a Comissão da Festa, todos os anos, abordando temas sobre a política de Patrimônio Imaterial, a Festa

como Patrimônio que congrega elementos litúrgicos e populares de devoção, reunindo saberes, lugares e formas de expressão que contribuem no conjunto para a realização desta celebração, e a importância de salvaguardar as suas tradições. Este Encontro formativo sobre a Festa como Patrimônio poderá promover a integração entre os diversos grupos que compõem a Festa e a Comissão.

*Intercâmbio com a Festa do Divino de Pirenópolis. Sugerimos que o DPI, por meio da sua Coordenação-Geral de Promoção e Sustentabilidade, promova encontros entre os detentores cujos bens sejam celebrações. Em especial, a troca sobre os desafios da salvaguarda com os participantes da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis pode ser bastante proveitosa para os devotos do Divino de Paraty.

*Articulação com a Secretaria do Artesanato e do Micro Empreendedor Individual, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviço, para negociar a inclusão dos saberes manuais relacionados à celebração – como a confecção de flor de papel crepom, na base conceitual do Programa do Artesanato Brasileiro.

*Integração com outras políticas de patrimônio que estão sendo implementadas no município, como a que integra Paraty e Ilha Grande como sítio misto do patrimônio mundial, e a designação de membros do Coletivo de Salvaguarda da Festa do Divino para participarem do comitê gestor do sítio misto.

Eixo Gestão Participativa no Processo de Salvaguarda

**Em uma das reuniões sobre a Reavaliação do Bem, foi colocado que a Gincana do Divino é um dos “chamarizes” para participação dos jovens na Festa. Portanto, recomendamos ao Coletivo elaborar a programação da Gincana de maneira a estimular a participação na Festa, convidando membros a assumir tarefas de organização, inserindo-se na Comissão da Festa.*

Recomendamos que seja construído coletivamente um Regimento para o Coletivo de Salvaguarda.

Contribuição do processo de execução das ações para a continuidade do bem cultural

A oficina realizada em 2023 foi extremamente benéfica para a tradição paratiense, pois atraiu novos participantes que agora estão ativamente envolvidos com a folia. Com o compromisso de compartilhar nosso conhecimento com aqueles interessados que não foram contemplados no ano anterior, gostaríamos de solicitar uma nova atividade relacionada à Folia do Divino e à transmissão de saberes em Paraty. A demanda do ano anterior foi tão expressiva que enfrentamos uma fila de espera considerável, o que impossibilitou a participação de outros interessados naquele momento^[23].

Através dessa comunicação, enviada por e-mail por Gerson Vieira, com o auxílio de Fernando Alcântara, compreendemos que o Iphan, através de seu Departamento de Patrimônio Imaterial e de seu Escritório Técnico em Paraty devem continuar propondo ações de transmissão dos saberes e dos ofícios de mestres foliões, artesãos, cozinheiros, músicos e brincantes envolvidos com a Festa do Divino.

4. Recomendações e encaminhamentos da reavaliação

Necessidade de produção de nova documentação

Além das recomendações destacadas ao longo do presente Parecer de Reavaliação, recomendamos como encaminhamento final a necessidade de produção de novas pesquisas e complementação do Inventário digital que contemple o registro de entrevistas com os detentores apontados pelo Coletivo de Salvaguarda: Marcel Moraes, Mirna Coupê, Marli Cardoso, Leônidas Passos, Diuner Mello, Flora Salles, Ana Bridi, Margarida Torres, Marcello Alcântara, Pardin (liderança da ciranda em Tarituba), César e Chico Divino (artesãos), Élcio Gonçalves, Mestre Jubileu, Estefano, Dona Lindalva, Ariclêa Marques, Benedita Vieira de Oliveira (Dona Filhinha), Camila (neta de dona Filhinha).

Recomendamos ainda a realização do INRC da Ciranda em Paraty, que complementa a iniciativa de documentação audiovisual dos mestres cirandeiros, conduzida pelo Iphan (Proc. Nº 01500.000821/2022-91).

Ressaltamos a pertinência da proposta do Plano de Ação aprovado sobre a as Oficinas de Transmissão de Saberes sobre a confecção dos bonecos tradicionais da Festa do Divino e sobre a confecção dos instrumentos utilizados na Folia do Divino (Proc. SEI nº01500.003027/2023-81) Trata-se de uma ação de valorização dos mestres artesãos que se dedicam à confecção de bonecos em papel machê e do ofício dos mestres foliões, dois grupos culturais que, juntamente com a comissão de festeiros, tem importância na vitalidade e continuidade da Festa. Como contrapartida ao serviço de ensino, confecção e conservação dos bonecos e de transmissão de saberes da Folia do Divino, os mestres serão convidados a doar as peças confeccionadas para o ETCV, num primeiro momento, para constituírem o acervo de uma exposição que terá como enfoque o processo de confecção dos mestres, prevista para acontecer no próprio Escritório, constituída como Casa do Patrimônio. Todavia, não foi possível realizá-lo durante o ano de 2024 devido aos expressivos cortes no orçamento do Minc e do Iphan.

As imagens, símbolos e significados produzidos pela Festa do Divino Espírito Santo de Paraty refazem as trilhas e os caminhos dos ancestrais em suas expressões e práticas de solidariedade enobrecidas pela fé. Considerando as transformações pelas quais a Festa passou após o seu Registro, e o diagnóstico atual dos processos de produção, reprodução e transmissão no contexto social em que está inserida, podemos afirmar que o bem cultural persiste como referência cultural para seus detentores.

Referências bibliográficas

LIMA, Livia Ribeiro. **Dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2010. Disponível em: <http://colaborativo.ibict.br/tainacan-iphan/documentos-do-process/dossie-de-registro-festa-do-divino-de>

Certidão de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty no Livro de Registro das Celebrações. Brasília, 17 de maio de 2013. Disponível em: <http://colaborativo.ibict.br/tainacan-iphan/documentos-do-process/certidao-de-registro-de-bem-cultural-festa-do-divino-de>

AICÂNTARA, Fernando. Registro sonoro da entrevista realizada no dia 23 de fevereiro de 2024. Paraty, 2024.

Nascimento, Paula Cristina Fabricante do. **FESTAS EM PARATY: entre a espetacularização da tradição e a tradicionalização do espetáculo**. Dissertação

(Mestrado em Cultura e Territorialidades) apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2015.

MELLO, Diuner. **Festa do Divino Espírito Santo em Paraty: manual do festeiro**. São Paulo: Estímulo, 2003.SS

[1] As reuniões do Coletivo de Salvaguarda aconteceram nos meses de setembro e outubro de 2023 no Casa Paroquial, localizado no centro histórico de Paraty. Foram abordados os seguintes temas: 1ª reunião (18/09/23): situação atual da Folia do divino, danças folclóricas e bonecos folclóricos; eventuais riscos de descaracterização e/ou continuidade da Festa; 2ª reunião (20/09/23): impactos do crescimento da Festa e atuação do poder público; 3ª reunião (20/10/23): relação entre a parte sagrada e a profana da Festa, inclusão dos mais jovens na "liderança" da Festa (questão etária); transmissões de saberes da Festa; 4ª reunião (21/10/23): Balanço sobre ações de salvaguarda já realizadas e o Plano de Salvaguarda.

O processo de constituição do coletivo de salvaguarda da Festa do Divino foi iniciado em novembro de 2022, acompanhado continuamente pela Secretaria Municipal de Cultura de Paraty, importante parceiro institucional para a salvaguarda. O coletivo foi formatado de modo a ter representantes de diferentes segmentos da Festa (os festeiros, o pároco de Nossa Senhora dos Remédios, os foliões do Divino).

[2] Relato de Benedito José Melo da Silva, o Dedé em 10/07/09, e de Benedita Vieira de Oliveira, Dona Filhinha, em 19/04/2009. In Dossiê de Registro.

[3] Há ainda outras formas de contribuir para a Festa, tais como comprando doces ou salgados na casa paroquial, comprando cartelas para participar do Bingão do Divino, participando de bailes promovidos pela Comissão da Festa com essa finalidade.

[4] Relatos da entrevista de Flora Maria Salles França Pinto, em 29/05/09, e de Conceição de Oliveira Moreira, em 14/04/09, festeira com seu filho no ano de 1989. In Dossiê de Registro (2009-2010).

[5] Entrevista realizada com Fernando Alcântara no dia 23 de fevereiro de 2024, no Escritório Técnico de Paraty.

[6] Nascimento, 2015: 77.

[7] Nascimento, 2015: 92.

[8] Relato de Marly Cardoso de Barros, em 24/03/09. In Dossiê de Registro (2009-2010).

[9] Segundo Nascimento (2015), a casa do festeiro também pode ser a casa de outro devoto, caso ele more muito longe ou não tenha condições para acomodar as bandeiras e o altar do Divino.

[10] Nascimento (2015: 94).

[11] Segundo Paula Fabricante Nascimento (2015), resistem nos 33 quarteirões do centro histórico apenas uma padaria e um banco, restando aí principalmente lojas, restaurante, bares e pousadas. Todos os outros serviços básicos migraram para a avenida principal da cidade.

[12] Aqui o território caiçara é compreendido segundo a presença da forma de expressão da ciranda e do fandango, desde o litoral sul do Rio de Janeiro até o litoral de Santa Catarina, na Baía da Babitonga, com destaque para as cidades de Paraty, Ubatuba/ SP, Cananeia e Paranaguá, no Paraná.

[13] Trecho de entrevista realizada com Fernando Alcântara no Escritório Técnico do Iphan em Paraty, no dia 23 de fevereiro de 2024.

[14] Idem.

[15] Trecho de entrevista realizada com Fernando Alcântara no Escritório Técnico do Iphan em Paraty, no dia 23 de fevereiro de 2024.

[16] Hoje Marcello e Fernando compõem o Grupo Cirandeiro de Paraty, juntamente com XX.

[17] O único registro da rabeça no Dossiê de Registro é a imagem do instrumento que é acervo no Museu do Forte Defensor Perpétuo, que pertenceu a Ezequiel Candido Francisco Rosa.

[18] Nascimento (2015: 86).

[19] Conforme Nascimento (2015), os festeiros e a comissão do ano de 2014, portanto, dez anos atrás, arrecadaram um total de R\$196.144,97 – fundo angariado através de venda de doces, show de prêmios, bando precatório, ofertas nas celebrações, rifas e bailes –, em despesas tiveram uma saída de R\$48.875,94 – carne para o almoço comunitário, prêmios para o show de prêmios, decoração, Folia do Divino, Marrapaiá, aventais/tocas e outros gastos –, repassando para a igreja um total de R\$147.269,03, recurso usado para manutenções, construções religiosas, entre outros, e parte enviada para a Diocese de Itaguaí.

[20] Segundo Paula Fabricante, a secretaria de cultura investiu cerca de 100 000 reais na Festa do Divino, no ano de 2024. Desde o ano de 1998, em sua 1ª edição, a gincana mobiliza cerca de 1000 jovens que competem através de quatro equipes, durante 30 horas, na quadra ao lado da Igreja Matriz.

[21] Nos últimos anos, o principal artesão identificado com habilidade para trabalhar as pombas do Divino esteve impossibilitado de continuar o ofício, o que tem feito a Comissão da Festa recorrer às pombas feitas de isopor para enfeitar o Império do Divino na Praça, por exemplo.

[22] Relato de Fernando Alcantara em entrevista realizada no dia XX, no ETEC do Iphan em Paraty.

[23] E-mail enviado por Gerson Vieira no dia 21 de fevereiro de 2024, solicitando nova oficina formativa com a Folia do Divino. Ref. Proc. nº 01500.000382/2024-89.



Documento assinado eletronicamente por **Livia Ribeiro Lima Figueiredo, Técnico I**, em 23/07/2024, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <http://sei.iphan.gov.br/autenticidade>, informando o código verificador **5510333** e o código CRC **D01D7A62**.

Referência: Processo nº 01450.003238/2023-56

SEI nº 5510333